

Sofrer e esperar em tempos de pandemia¹

Suffer and hope in pandemic time

Jürgen Moltmann²

Em 1964 apareceu meu livro “Teologia da esperança”. Em 1967 a tradução inglesa já estava disponível. Em 1972 surgiu o livro que tornou Rubem Alves conhecido: *Theology of human hope*. Desta forma nós dois, por diferentes perspectivas, nos orientávamos para o futuro da humanidade. Eu o encontrei pessoalmente quando da conferência ecumênica missionária em Bangkok em março de 1973. Trabalhamos juntos na seção 2 que tratava de política e da missão econômica do Evangelho: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.”

Rubem era um filho da geração de 1968, estimulado pelo movimento pelos direitos humanos, pela teologia da libertação, mesmo assim, era alguém que pensava por conta própria. Nunca se sabia o que ele iria dizer. Eu o encontrei novamente já na velhice, em 2008 no Rio de Janeiro, com Leonardo Boff. Ele havia perdido seus cabelos, mas tinha ainda a bela aparência. Eu proferi uma conferência, cujo o título era: “Uma vida para a teologia - uma teologia para a vida: Uma biografia teológica”. Ele deveria proferir uma conferência de temática similar. Então ele pôs de lado seu texto e disse apenas: “Jürgen, isso foi escrito com alma”. Aos ouvintes ali presentes, ele tirou o fôlego. Foi como se o Espírito Santo soprasse por aquele auditório. Pouco tempo depois ele veio a falecer. Eu nunca me esquecerei de Rubem Alves.

A Pandemia do Covid-19 é como o “vale escuro” de que fala o Salmo 23. Ninguém a ignora. Ninguém sabe quanto tempo ela durará. Ninguém sabe quando ela alcançará alguém. Deus não nos polpa da “vale escuro”, que para muitos também se tornou o “vale da morte”. Entretanto, Deus está conosco em nossos temores e sofrimentos. Deus vai conosco pelas trevas. Ele não polpa a si mesmo, nem do “vale escuro” nem do “vale da morte”. Deus sofre conosco as nossas dores e nos indica o caminho. Deus está mais perto de nós, do que nós mesmos temos consciência. Por isso não podemos conhecê-lo e captá-lo, pois para o conhecer e o captar precisamos de distanciamento, mas pode-se confiar em Sua proximidade. A confiança em Deus traz autoconfiança, quando se é atacado pelos temores e pelas dores.

Todos os prognósticos científicos sobre a Pandemia tornaram-se incertos. A certeza do futuro do mundo moderno do progresso se tornou incerta, tanto pela

¹ Traduzido pelo Prof. Dr. Levy da Costa Bastos, doutor em Teologia (PUC-Rio) e em Literatura Alemã (UFF).

² Professor Emérito de Teologia Sistemática na Universität Tübingen.

pandemia, quanto pelas mudanças climáticas. Agora chegamos à paciência que brota da esperança. A paciência é a longa respiração que surge de uma grande esperança.

A esperança cristã é esperança do Reino de Deus praticada pelo futuro dos seres humanos e da terra, e nós esperamos pela ressurreição dos mortos na vida eterna do mundo futuro, como dizemos com a confissão do Concílio de Niceia.

Por muito tempo essa esperança pela eternidade reprimiu nas igrejas a esperança prospectiva pelo Reino de Deus na terra. No mundo moderno a fé no progresso e a globalização reprimiram a esperança pela eternidade. Ambos estão errados: a mensagem de Jesus da “irrupção do Reino de Deus” para os pobres, os doentes e as crianças é tornada presente através de Sua ressurreição. O Jesus ressuscitado está presença com Sua mensagem do Reino de Deus. A esperança da ressurreição contra a morte e as forças da aniquilação se tornam motivo para o engajamento pelo Reino de Deus na terra.

Pablo Neruda expressou isso da seguinte forma:

*Somente com uma paciência ardente
conquistaremos a cidade reluzente
que a todas as pessoas
sua luz, justiça e dignidade doa.*

No fim - o novo começo: isso é a esperança cristã. Ela está fundamentada no fim de Cristo - foi o Seu começo na ressurreição, e nos consola, em tudo que entendemos ser o fim. O Deus da esperança faz surgir sempre um novo começo na vida, e, na morte Ele nos torna despertos para a nova vida em Seu reino vindouro. Nesta certeza é que saudamos cada novo dia. Na esperança começamos algo novo, mas somente por meio da paciência é que conseguimos nos manter firmes.

1. O que é a Pandemia do Covid-19?

Num primeiro momento, ela foi produzida naturalmente em Wuhan, na região central da China, mas que ela tenha se disseminado mundialmente e de modo tão rápido, é algo feito humanamente, em consequência da globalização. Isso não foi assim, quando da irrupção da “Gripe espanhola”, depois da Primeira grande guerra mundial, que provocou mais morte que a guerra propriamente. A peste, que despovoou a Europa Central, foi algo regional. A pandemia atual é problema de toda a humanidade.

No começo de 2020 havíamos pensado que ela teria sido superada antes do outono. Então veio a segunda onda. Hoje nos encontramos na quarta onda. Aparecem a todo momento novas mutações. Multiplicam-se as vozes que dizem que a humanidade terá de aprender a conviver com a pandemia. A melhor defesa é a vacina, mas isso é algo difícil de alcançar com 9 bilhões de pessoas.

Nós não vivemos em um mundo “são”. A natureza está também necessitada de redenção. A criação está ameaçada por forças caóticas. Paulo fala de “*principados e potestades*”. E Karl Barth falou de “poderes sem um senhor”³. Contra eles devemos nos defender. Isso é possível porque Cristo também se tornou o Senhor sobre estas forças. Romantismo da natureza não ajuda muito neste caso, apenas a ciência, a técnica e a paciência da esperança, para a qual o Jó da Bíblia é um modelo: “paciência de Jó”.

Quando a primeira onda apareceu na primavera de 2020, trouxe também uma onda de solidariedade no meio do povo. Socorro entre vizinhos. Quando as primeiras vacinas foram desenvolvidas, as nações saíram em concorrência. Cada nação queria se assegurar de ter o maior quantitativo de vacinas. Nisso a pandemia é sim uma tarefa da humanidade.

O sistema de saúde pública das sociedades modernas não conseguiu dar conta da epidemia do vírus. As causas para isso são a mercantilização⁴ dos sistemas de saúde pública, a orientação de nossos hospitais para o lucro⁵ e a privatização dos asilos e abrigos de idosos. Os medicamentos alemães são produzidos na Índia e na China porque isso é barato, como se a proteção da saúde do povo não fosse uma meta do Estado conforme diz a constituição, mas abandonados ao livre mercado.

Morte e luto se transformaram. Os mortos são mencionados somente em números. Ouvimos o relato de recordes. Eles morrem na UTIs solitários e sem a proximidade humana. Para salvar os sãos, nós os deixamos sós. Aqueles que vivem o luto por sua perda, são mantidos distantes, e nos ofícios fúnebres eles se sentam sozinhos nas igrejas. A morte moderna que até então estava reprimida, foi trazida para o centro novamente. Isso é ruim para a autoconfiança moderna, que julga ter tudo sob controle. Em vez de arrogância, está sendo pedido agora é por humildade, e humilde a autoconfiança moderna só o é, a contragosto.

Agora chegamos à interpretação teológica. Primeiramente se deve ouvir o alerta que se esconde latentemente na pandemia. Uma catástrofe ainda pior ainda está por vir: a catástrofe ecológica da civilização humana. A sobrevivência da humanidade está sob risco. Já neste ano de 2021 multiplicam-se as ondas de calor: Canadá e Califórnia, Sibéria e a região do Mar Mediterrâneo estiveram em chamas. Na Europa Central ocorreram por semanas chuvaradas e inundações. A terra se aquece mais rapidamente que os cientistas pensavam. Os alvos climáticos acordados na Conferência de Paris de 2015, não serão mais cumpridos.

A pandemia criada pela natureza convenceu os seres humanos à solidariedade e às medidas sociais cooperativas. As catástrofes da natureza criadas pelos seres humanos deveriam convocar semelhantemente às medidas de solidariedade de toda a humanidade, bem como dos Estados e governos. Quando ocorreram as inundações na

³ Herrenlose Gewalten.

⁴ Ökonomisierung.

⁵ Profitorientierung.

região alemã da Renânia essas medidas ocorreram no âmbito da vizinhança, e se mostraram um sucesso.

2. Por que Deus permite o sofrimento e a morte de tantas pessoas?

Isso é uma pergunta do público telespectador. Não é uma questão daqueles que são tocados diretamente. Estes perguntam por cura e conforto. Querem que seu sofrimento e sua dor cessem, e não que estes lhe sejam explicados.

Com isso, a pergunta pelo “por que” não é posta de lado. No fim de Sua vida, Jesus também morreu com uma pergunta pelo “por que” nos lábios. Minha resposta: Deus não é o “todo-poderoso”, isto é, a realidade que a tudo determina. Este é o monarca mundial de Aristóteles ou o Deus invocado nas guerras para nos permitir vencer. A teologia ortodoxa sempre acentuou mais a preservação do mundo por parte de Deus, do que o Deus do poder total.

Como Deus preserva o mundo? Por Sua paciência. Deus, que tem paciência conosco, suporta o mundo e nos suporta com nossos pecados e virtudes. “Leva-o ao teu colo, como a ama leva a criança que mama, à terra que, sob juramento, prometeste a seus pais?” (Nm. 11.12). A isso é acrescido uma imagem humana: “[...]como também no deserto, onde vistes que o Senhor, vosso Deus, nele vos levou, como um homem leva a seu filho, por todo o caminho pelo qual andastes, até chegardes a este lugar.” (Dt. 1.31). Isaías utiliza isso no contexto do conforto pessoal: “Ouvi-me, ó casa de Jacó e todo o restante da casa de Israel; vós, a quem desde o nascimento carregou e levou nos braços desde o ventre materno.” (Is. 46.3). O Cristo crucificado é a imagem humana do Deus que tudo suporta: a Ele clamamos: “Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.” (Is. 53.4).

Com isso a pergunta pelo “por que” não é respondida, mas pode-se sobreviver consolados por meio dessa compreensão. As perguntas pelo “por que” serão respondidas quando a grande justiça divina se manifestar, que até agora é esperada como o juízo final de Deus. Até esse momento gritamos com um doloroso “por quê?” e “até quando?”.